

Teste 3

Grupo I

Leitura/Escreita

Nevoeiro

*Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer –
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fátuo encerra.*

*Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...*

É a hora!

Valete, Fratres.

Fernando Pessoa, *Mensagem*, Edições Ática

1. Explicita a caracterização que o sujeito poético faz de Portugal.
2. Explica o sentido dos versos “Brilho sem luz e sem arder, / Como o que o fogo-fátuo encerra”.
3. Refere dois recursos estilísticos utilizados para traduzir a crise de identidade dos portugueses.
4. Prova que o último verso apresenta, simultaneamente, uma dimensão messiânica e um apelo do sujeito poético.

Grupo II

Leitura/Funcionamento da língua

Lê atentamente o texto que se segue.

Os Portugueses, como os outros povos, foram utilizando o mar de acordo com o conhecimento e imagem que dele iam tendo, mas também, na medida em que as sociedades foram evoluindo, de acordo com as modas, as necessidades e as possibilidades que se lhes foram oferecendo. Desde cedo, muito antes de se aventurarem pelos horizontes atlânticos, na fase em que o mar era visto com muita curiosidade, mas também com prudente reserva, já os nossos antepassados retiravam do mar alguns alimentos, para o que foram inventando artefactos apropriados.

(...) Eram muitos os que viviam do comércio marítimo. Os portos e as cidades portuárias desenvolveram-se extraordinariamente, marcando os sistemas de povoamento e a própria estrutura da rede urbana; o sentido inicial da projecção da terra para o mar teve, assim, uma espécie de retorno de influência, que a Revolução Industrial aproveitou e acentuou.

Numa fase mais recente, foi a energia do mar que despertou interesses positivos. Depois de as vagas e marés terem assustado dezenas de gerações de pescadores, marinheiros e populações do litoral, percebeu-se que elas contêm uma energia imensa que se pode aproveitar. Assim foi nos moinhos de maré, e assim vai sendo nas centrais de produção de energia eléctrica que utilizam esta força motriz. Em várias regiões do Mundo vai-se recorrendo também à dessalinização da água do mar, para depois a utilizar em consumos domésticos, industriais e de rega.

Nos últimos anos, as actividades de recreio e lazer ligadas ao mar têm mostrado força suficiente para gerar extraordinárias correntes migratórias, de durações variadas, que são o suporte de um pujante sector económico – o turismo, associado (...) a espaços e projectos de animação.

Jorge Umbelino e Jorge Figueira de Sousa, “Os Portugueses e o mar: roteiro de imagens e usos”, in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Lisboa, Colibri, 1998 (retirado de Exame Nacional de Português B, 2000, 2.ª fase)